

O FETICHE NA PSICANÁLISE FREUDIANA

2019

Yan de Jesus Lopes

Psicólogo Clínico e Social. Graduado em Psicologia pelo Centro Universitário Doctum de Teófilo Otoni. Especialista em Psicanálise pela Rede Futura, Pós-graduando em Saúde Mental, Psicologia Jurídica e Avaliação Psicológica (Brasil)

Email:

psicologoyan@outlook.com.br

RESUMO

O que é o fetichismo psicanalítico? O presente estudo aponta uma concepção conceitual do fetiche e sua amplitude na clínica freudiana, abrangendo sua importância para compreensão do complexo de castração e a escolha do objeto, enquanto algo singular ao desejo inconsciente do sujeito, enquanto substituto do falo faltoso característico nos perversos. Parte-se de uma pesquisa qualitativa, chegando à compreensão do fetiche como substituto do falo da materno, como forma de defesa e rejeição e ao medo de ser castrado, para que o sujeito não seja ferido em seu narcisismo.

Palavras-chave: Fetiche, castração, objeto erotizado, psicanálise.

Copyright © 2019.

This work is licensed under the Creative Commons Attribution International License 4.0.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>



INTRODUÇÃO

Deparamos corriqueiramente em algumas situações, com um conceito de fetichismo socialmente associado a “*fantasias sexuais*”, situações erotizadas de um “*desejo*”, ao qual, se queira

vivenciar, se diferenciando da perspectiva psicanalítica de um substituto do pênis, que contempla uma supervalorização libidinal ao objeto ou parte do corpo que substituiria o falo faltoso ao sexo feminino (Freud, 1927; Roudinesco; Plon, 1998). Entretanto, as psicologias como um todo, estabelecem esse substituto como uma relação de prazer, desejo ou satisfação de cunho erótico com qualquer objeto externo que proporcione o prazer almejado para investimentos libidinosos ao sujeito.

Até o momento, o fetichismo proposto pela linha de pesquisa psicanalítica, dando ênfase a Psicanálise freudiana, embasando nas obras de S. Freud pode-se dizer sobre um fetichismo normal e patológico, propondo uma afirmação onde o mesmo irá ocorrer com o sujeito em determinada fase de sua vida, em especial ao desenvolvimento do sujeito perante a dissolução do Complexo de Édipo frente a castração, e possivelmente estabelecerá um objeto do desejo ligado a infância em algum momento de sua vida, proporcionando a constituição do fetiche como defesa, ao qual, se apresenta como uma forma de rejeitar a realidade ao “medo de ser castrado” e admitir a falta do pênis feminino.

Em detrimento ao mecanismo de defesa existente no fetiche, temos uma melhor compreensão teórica sobre o fetichismo freudiano a partir de seus estudos e de autores que embarcam na mesma concepção conceitual. Ao qual, segundo o mesmo, estabelece como sendo de grande importância devida “a singularidade dos fenômenos” (Freud, 1905, p.145).

Trazendo a este estudo uma possível compreensão necessária para um conceito que muitas vezes tende a passar “despercebido” em estudos, que demonstra grande importância para englobar um vasto desdobramento, desde a vivência subjetiva ao simbolismo que carrega, para compreensão do sujeito e para interpretar de forma mais clara, conceitos e posicionamentos clínicos que utilizam do mesmo mecanismo na clínica freudiana na contemporaneidade.

MATERIAL E MÉTODOS

A presente pesquisa é de natureza qualitativa a partir de uma revisão bibliográfica, ao qual Kuark, Manhães e Medeiros (2010) definem o método qualitativo como uma análise de dados indutiva, onde seu processo se dá por um meio de estudos, e seus significados trazem os focos principais da abordagem e do objeto.

O estudo se estabelece por meio de uma pesquisa bibliográfica, sendo estudadas bases técnicas e teóricas do conceito de Fetichismo no campo psicanalítico, tendo como critérios para levantamento bibliográfico, obras que retomam ao conceito na Psicanálise freudiana e as perspectivas dela em relação ao conceito tido como objeto da pesquisa.

O FETICHE

Em uma perspectiva histórica e etiológica, o Fetiche origina-se de “*Fétiche*”, termo derivado do francês, constituindo em tradução livre à língua portuguesa o significado de “feitiço”, traz em sua interpretação o suposto enfeitiçar (estar magicamente atraído por algo ou alguém, sem razões explicáveis a consciência). “O termo embora criado em 1750 tornou-se conhecido na Europa através do erudito francês Charles De Brosses em 1757, retomado em 1887 pelo psicólogo francês Alfred Binet (1857-1911) sendo mais tarde retomado pelos fundadores da sexologia” (Santos, 2007, p.01; Roudinesco; Plon, 1998, p.235).

No que diz respeito ao fetichismo, os estudos da sexualidade e o percurso dela, os estudos da sexologia traçaram uma definição de fetichismo como uma forma de comportamento da vida sexual normal, que visa características de privilegiar uma parte do corpo ou objetos relacionados a mesma. A sexologia destaca uma compreensão do fetichismo como um fetichismo patológico, caracterizado como uma perversão sexual, que visa a excitação e obtenção de prazer de forma única e exclusiva por meio de pés, boca, seios, cabelos, etc., o que caracterizava as preferências quanto a partes do corpo humano; e sapatos, chapéus, tecidos, dentre outros como preferências quanto ao objeto (Roudinesco; Plon, 1998).

Em 1905, Sigmund Freud traz uma nova proposta ao estudo do fetichismo, contrapondo alguns pontos além do que a sexologia propunha, atualizando o conceito para o olhar da psicanálise da época, onde a priori, o mesmo discorre de dessa premissa para compor a visão da perversão sexual, considerando assim como a sexologia, um fetichismo de ordem patológica, ao qual, a ideia de escolha de um objeto ou parte do corpo seria a única escolha do sujeito como substituto de uma pessoa. Mas logo adiante entra em desacordo com os estudos da sexologia, introduzindo uma definição de uma escolha perversa, caracterizada por um substituto ao falo feminino, cuja falta do mesmo é recusada pela renegação (Roudinesco; Plon, 1998), atribuindo o fetiche há uma representação fálica, ao qual, propunha-se constituir como uma defesa a castração mediante a descoberta das diferenças anatômicas.

Ao decorrer da trajetória psicanalítica, o conceito de fetichismo foi proporcionando amplitudes teóricas e novas visões clínicas, onde:

Em 1927, aparece a publicação [...] do Fetichismo, onde Freud, complementando um artigo de 1924 – Neurose e psicose –, evidencia uma dissociação do ego, através da defesa da “desmentida” (também referida como “renegação”, “denegação”, “recusa”... e que, no original alemão, Freud

cunhou de Werleungung), por meio da qual o fetichista nega ser verdadeiro aquilo que o angustia e que, bem no fundo, ele sabe que é verdade (Zimmerman, 2007, p.45).

Em percurso dos estudos realizados na época, De Brosses e Freud definem a natureza do fetiche como “exacerbar determinados traços físicos ou espirituais de um objeto sexual, ou tomar como objeto sexual seres inanimados” (Safatle, 2010, p.17). De tal forma que, para Psicanálise, o fetiche vai além da escolha do objeto em si, agregando uma determinada importância e significado que o sujeito atribui a este objeto. Será assim a representação significativa que o sujeito possui de forma inconsciente do objeto, a real incorporação da satisfação erótica idealizada.

Segundo Freud “o significado do fetiche não é conhecido por outras pessoas, de modo que não é retirado do fetichista” (Freud, 1927, p.157), é algo de significação peculiar do sujeito fetichista, ao qual, possa recorrer para obtenção de prazer facilmente. Freud (1927) destaca a facilidade do sujeito em recorrer a este objeto erotizado e como é facilmente adquirido, propondo que diferente dos outros homens, o fetichista patológico, não se frustra mediante os esforços para obtenção de prazer, pois, seu objeto de desejo é facilmente obtido, sem se ater a dificuldades, pois, há no fetiche, o objetivo de evitar a angústia, a castração e a frustração, logo este objeto particular ao fetichista, se apresenta como elemento de fácil acesso.

Levando a uma perspectiva sobre o que levaria a constituição do fetiche, a escolha do objeto e sua erotização, a Psicanálise propõe que uma das determinações encontradas na constituição de um fetiche será o “complexo de castração”, que possui em sua amplitude uma grande importância para o reconhecimento das diferenças sexuais do sujeito com o outro, onde o complexo de castração se estabelece de acordo Freud como um “sentimento inconsciente de ameaça, experimentado pela criança quando ela constata a diferença anatômica entre os sexos” (Roudinesco; Plon, 1998, p.105), que na tentativa de fuga desta castração, o sujeito inconscientemente se defende sob o fetiche, para não ser castrado, tampouco encarar a realidade desse horror sentido em sua realidade psíquica.

Em relação ao complexo de castração e ao objeto do fetiche, no artigo de 1927 “Freud afirma que o fetiche é um substituto do pênis da mulher (da mãe em particular) no qual o menino outrora acreditou e de cuja crença não quer abrir mão” (Safatle, 2010, p.15). Segundo Freud o objeto do fetiche “não é um substituto para qualquer pênis ocasional, e sim para um pênis específico e muito especial, que foi extremamente importante na primeira infância, mas posteriormente perdido” (Freud, 1927, p.155) na tentativa de continuar reconhecendo sua mãe como fálica.

Na infância antes do complexo de castração a criança se recusa a acreditar na falta do pênis nas mulheres, acreditando em sua universalidade, pois, ao ver em si próprio o órgão genital masculino, logo projetarão que todos são iguais e possuem tal órgão, assim não discriminando o órgão genital entre homens e mulheres. Um exemplo clássico dessa não diferenciação, é o caso do

Pequeno Hans na obra freudiana, onde para ele, por sua mãe ser muito alta, acreditava-se que ela possuiria o pênis do tamanho de um cavalo (Safatle, 2010).

Safatle (2010) afirma que certa “aversão de todos os fetichistas aos órgãos sexuais femininos reais seria um inequívoco do recalque ocorrido à “descoberta” da castração feminina” (p.15). Podendo se afirmar que o fetiche é um “triunfo sobre a ameaça de castração” (p.15). Safatle (2010) também traz concepção que a produção feminina quanto o uso de sapatos de salto alto entre outros adornos e objetos, produzirá uma espécie de “proteção ao problema da castração feminina” de forma que minimize a ameaça do homem ser castrado, evitando que seja ferido em seu narcisismo. Enquanto em um estudo sobre a sexualidade feminina, Ernest Jones postulou que:

O medo da castração no homem assumia na mulher, a forma de um medo da separação ou do abandono. Chamou então de *afânise* ao que existe em comum em ambos os sexos quanto a esse medo fundamental, que decorre, segundo ele, de uma angústia ligada à abolição do desejo ou da capacidade de desejar” (Roudinesco; Plon, 1998, p.09).

Enquanto Abraham (1970) em um estudo de caso sobre o fetichismo, cunhou a cleptomania em dois casos, ao qual, analisou como determinada analogia ao fetichismo dos homens, onde, o sintoma da compulsão ao roubo presente, se apresentaria como elementos agressivos a uma revolta contra a castração, como uma forma de obter o poder fálico e se apropriar do pênis paterno, ao qual, se veem no direito de posse, e ao qual foi negado (Ferraz, 2010).

FETICHISMO, NORMAL OU PATOLÓGICO?

Freud (1905) em seus estudos, afirma que é natural de toda relação tida como normal ter um pouco do fetichismo, o próprio diz que:

O ponto de ligação com o normal é proporcionado pela supervalorização psicologicamente necessária do objeto sexual, que se propaga inevitavelmente por tudo o que está associativamente ligado ao objeto. Por isso certo grau desse fetichismo costuma ser próprio do amor normal, sobretudo nos estágios de enamoramento em que o alvo sexual normal é inatingível ou sua satisfação parece impedida (Freud, 1905, p.145-146).

Segundo Freud (1905) os casos de fetichismo só se tornam patológicos, quando o anseio pelo fetiche se fixa, fazendo que o prazer seja único e exclusivo por meio do fetiche, se colocando no lugar do alvo sexual normal, e quando o fetiche se desprende de determinada pessoa e se torna o único objeto sexual para sua satisfação, fazendo que uma variação normal das pulsões sexuais se direcione para o psicopatológico e se apresentando como sintoma, reconhecendo assim, esse fetiche como uma *parafilia*. Pois, “embora sem dúvida ele seja reconhecido por seus adeptos como uma anormalidade, raramente é sentido por eles como o sintoma de uma doença que se faça acompanhar por sofrimento” (Freud, 1927, p.155). Trazendo a compreensão dos dizeres dentro da Psicanálise que, “são raras as pessoas de estrutura perversa buscarem atendimentos clínicos”, o que outrora se faz compreensível esta especulação, pois, o fetiche em si, possui o caráter de uma tentativa de evitar a angústia, o “sofrimento”, logo o mesmo não se sente castrado graças ao fetiche, e a partir do mesmo se sentem blindado pela potência do objeto que proporciona a falsa ilusão de não sofrimento frente ao simbólico.

As perspectivas de um fetiche normal, onde Freud atribui a todos os seres humanos, principalmente nos estágios de conquistar e seduzir o outro utilizando-se de adornos objetais de escolha de um fetichista, como sapatos de salto alto, determinado tipo de roupa, dentre outras possibilidades, pode-se dizer que “quando as fronteiras do normal e o patológico se esfumaçam, isso pode significar uma estratégia de sobrevivência: a convivência de ideias opostas que se alternam de maneira flexível na mente comum” (Safatle, 2010, p19), apresentando características próprias da clivagem do eu, “introduzido por Sigmund Freud em 1927 para designar um fenômeno próprio do fetichismo, da psicose e também da perversão em geral, e que se traduz pela coexistência, no cerne do eu, de duas atitudes contraditórias, uma que consiste em recusar a realidade (renegação), outra, em aceitá-la” (Roudinesco; Plon, 1998, p.121)

O FETICHISMO E SEU ASPECTO DETERMINANTE NA LITERATURA FREUDIANA

Safatle (2010) relata a amplitude em que Freud aprofunda em afirmar que no fetichismo “nenhum homem é poupado o horror da castração diante da visão do órgão sexual feminino” (Safatle, 2010, p.16). Que de certo modo, a criança ao se deparar com o horror da castração, reagiria a este horror de três formas possíveis, que segundo ele: poderia vir a “tornar-se homossexual; criar um fetiche; ou, como ocorre com a maioria dos homens (ufa, ainda bem), simplesmente supera-lo, aceitando o “pequeno pênis”” (Safatle, 2010, p.16). O que nos leva a questionamentos contemporâneos ao engessamento do que poderá vir acontecer com o sujeito, negando por sua vez suas vivências que interferirão na proposta de como o sujeito experiêcia a passagem do complexo

de castração, colocando-se como sujeito exposto a uma série de efeitos e destinos de uma plurissexualidade existente nos contextos socioculturais atuais, fazendo que o mesmo não se limite aos três destinos mencionados anteriormente, pois, a assexualidade, panssexualidade, etc. poderão ser algumas das formas de fuga quanto a este horror, podendo o sujeito negar o desejo sexual por outra pessoa ou por um objeto de significado subjetivo, ou possivelmente sublimar como forma de fuga.

Sobre o fetichismo, os relatos e estudos clínicos da concepção freudiana em sua teoria, o fetiche seria por si só um trauma provido da última visão ou impressão da criança ao órgão sexual castrado em sua descoberta de que meninas não possuem um pênis (Safatle, 2010). Fazendo com que inconscientemente o menino crie um substituto ao pênis faltoso, substituto que tem por finalidade amenizar o que Freud chama de “o horror da castração”, dessa forma, fazendo com que aceite de forma menos agressiva o “pequeno pênis” que seria o clitóris.

O que é bastante comum segundo Freud é “o fetichista encontra prazer no fato da mulher ser ao mesmo tempo, castrada e não castrada, e do homem também poder ser castrado. A criação do fetiche, portanto, obedece à intenção de destruir a prova da castração, para escapar à angústia de castração” (Roudinesco; Plon, 1998, p.237).

Embora a escolha do objeto substituto ao pênis seja concebida de forma inconsciente, as várias situações da vida do sujeito, suas vivências, suas variáveis biológicas, socioculturais, econômicas e os estímulos endógenos, podem vir a interferir posteriormente, fazendo com que o sujeito venha a mudar de objeto substituto ao pênis, ou que o desejo a esse objeto venha ser reprimido, realocado ou acentuado, mediante a fatores futuros vivenciados, constituindo uma probabilidade de mudança de objeto ao decorrer da vida devido a atemporalidade existente ao inconsciente.

O FETICHE, A PERVERSÃO E A CLÍNICA PSICANALÍTICA

Freud (1905) e Andrade (1992), estabelecem uma ponte entre o fetiche e a perversão, sendo algo pertencente um ao outro, embora suas diferenças e peculiaridades ambos se interligam entre si, fazendo com que:

O fetiche está para a perversão assim como o sintoma está para a neurose. Nunca presente como “excluído”, mas, pelo contrário, “oferecido ao uso”, recebido como aquilo que faz a lei. E à medida que ele “faz a lei”, ele realiza não o recalque, mas o desmentido da castração e do significante do desejo. É o processo característico da perversão. Digamos que desmentir a recusa em outorgar

certo sentido a um fenômeno que objetivamente tem sentido. O fenômeno é rebaixado ao não-senso. Mas pelo desmentido o sujeito supõe o sentido que ele recusa a reconhecer. É exatamente isto que acontece com o fetiche (Andrade, 1992, p.13 *apud* Santos, 2007, p.04).

A percepção de “Eu sei bem! Más mesmo assim prefiro!” vem ilustrar desdobramentos do fetiche para um vasto campo de possibilidade em uma análise. Onde o sujeito mesmo conscientemente vendo, percebendo, presenciando aquilo que é verdadeiro e concreto com seu próprio significado simbólico, inconscientemente o sujeito, por não suportar tal angustia, estando sob duas forças psíquicas ao ver e renegar o real, admite a existência do mesmo atribuindo um objeto de significado inconsciente e atribuições pessoais para mascarar e dar um novo sentido suportável dentro das possibilidades.

Temos aqui o que pode ser corretamente chamado de divisão do ego. Esta circunstância também capacita-nos a compreender como é que o fetichismo, com tanta frequência, é apenas parcialmente desenvolvido. Ele não governa exclusivamente a escolha de objeto, mas deixa lugar para um maior ou menor comportamento sexual normal; às vezes, na verdade, contenta-se com o desempenho de um papel modesto ou se limita a uma mera alusão. Nos fetichistas, portanto, o desligamento do ego em relação à realidade do mundo externo nunca alcançou êxito completo. (Freud, 1940 [1938], p.216-217)

Freud afirma que “negações desse tipo ocorrem com muita frequência e não apenas com fetichistas e, sempre que nos achamos em posição de estudá-las, revelam ser meias-medidas, tentativas incompletas de desligamento da realidade” (Freud, 1940 [1938], p.217). De tal modo, podemos ampliar essa visão não somente ao ato sexual do fetichista ou a escolha do objeto de fetiche e o medo ao horror da castração, más também, nas diversas relações que possa provir uma “ameaça a ser castrado”, pois, Freud nos traz que “um homem adulto talvez possa experimentar um pânico semelhante, quando se eleva o clamor de que o Trono e o Altar correm perigo e consequências ilógicas semelhantes decorrerão disso” (Freud, 1927, p.156) fazendo com que o sujeito vá ao mesmo rumo de um mecanismo de constituição do fetiche como forma de defesa, a própria renegação articulada sobre as dimensões da clivagem do eu em possibilitar coexistências, onde o mecanismo de “renegação”, “recusa” passa a ser presenciadas em outras situações, em suas relações ou atividades, uma situação em que mesmo possuindo conhecimento da realidade o sujeito inconscientemente nega a esta realidade, mesmo tendo consciência do real. Segundo Freud “essa ‘divisão do ego’ não é peculiar ao fetichismo, mas que, pode ser encontrada em muitas outras

situações em que o ego se defronta com a necessidade de construir uma defesa, e que ela ocorre não apenas na rejeição, mas também no” recalque (Freud, 1927, p.152-153).

CONCLUSÃO

Vemos o mecanismo que atua no fetiche, não somente como uma constituição de um objeto a ser erotizado como substituto ao pênis na castração, mas também como um advento de fuga da realidade, ao qual, se deseja fugir do desprazer ou evitar o sofrimento do que seria traumático ao sujeito, mesmo tendo conhecimento do mesmo. Fazendo-nos perceber um fator de dinamização do conceito, ao qual, possa explicar situações em que se estabelecerá como uma defesa a futuras angústias, quanto uma defesa a não ser castrado, quanto uma defesa a não sofrer com a realidade do momento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FERRAZ, F.C. (2010). *Perversão*. 5ª ed. Coleção Clínica Psicanalítica. São Paulo: Casa do Psicólogo.

FREUD, S. (1996). *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago.

_____. (1905) *Três Ensaio Sobre Sexualidade*. Rio de Janeiro. Imago, 1996.

_____. (1927) *Fetichismo*. Rio de Janeiro. Imago, 1996.

_____. (1940 [1938]) *Esboço de Psicanálise*. Rio de Janeiro. Imago, 1996.

KAUARK F.; MANHÃES F.C.; MEDEIROS C.H. (2010). *Metodologia da pesquisa: guia prático*. Itabuna: Via Litterarum.

ROUDINESCO, E. & PLON, M. (1998). *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar.

SAFATLE, V. (2010). *Fetichismo: Colonizar o Outro*. Para ler Freud. 1ª ed. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira.

SANTOS, R.M. (2007). *Fetichismo: Paradigma da Perversão*. Psicologia PT. Portal dos Psicólogos.

ZIMERMAN, D.E. (2007). *Fundamentos Psicanalíticos: teoria, técnica e clínica*. Porto Alegre: Artmed.